INTERVENÇÕES TEMPORÁRIAS, ARTE URBANA E ESPAÇO PÚBLICO

Manuela Cristina Rêgo de Carvalho[1]
Ruth Maria da Costa Ataíde[2]

RESUMO

As interações entre a arte urbana e as relações de poder que se expressam nos espaços públicos das cidades têm ganhado evidência nas intervenções temporárias, aqui demonstradas como práticas espaciais táticas e emancipatórias movidas por arte e cultura. Neste texto toma-se como referência as ações movidas pela cultura do hip hop, cartografadas na cidade de Natal, Nordeste do Brasil.

*

Arte, Cultura e Espaço Público

As intervenções urbanas, como os grafites ou mesmo a dança de rua, são tratadas aqui como manifestações que contestam as normas e formalidades impostas pelos agentes produtores do espaço, especialmente o Estado, e tornam-se assim práticas dotadas de um poder emancipatório. Parte-se do entendimento de que essas práticas, temporárias ou não, em sua maioria movidas por coletivos e movimentos sociais organizados em torno de pautas comuns, se apropriam do espaço público das cidades como forma de demonstrar uma autonomia própria capaz de visibilizar outra cultura, denominada por Félix Guattari e Suely Rolnik (2005) como cultura coletiva, diferente daquela cultura mercadoria movida pelo capitalismo.

1 Manuela Carvalho é Arquiteta e Mestre em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente é doutoranda pelo NPGAU da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais e colaboradora no grupo de pesquisa Indisciplinar. E-mail:manu_cristina40@hotmail.com
2 Arquiteta e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Mestre e Doutora em *Pensamiento Geografico y Organización del Territorio* pela Universidade de Barcelona; é professora associada ao Departamento de Arquitetura da UFRN. Email: rataide_58@hotmail.com

Para transitar nessa abordagem, entretanto, é importante compreender que muito do que entendemos por arte e cultura tem origem em subjetividades criadas pelo próprio capital, estando no domínio do consumo. Para além da produção de mercadorias e dos lucros, o capitalismo, fortalecido pela ofensiva neoliberal desde as últimas décadas do século XX, tem sido capaz de produzir subjetividades, que emergem em todas as dimensões da vida, convertendo-se em uma "máquina de produção de subjetividades" conforme denominam Guattari e Rolnik (2015, p. 16).

Para esses autores, existem três tipos de cultura: a cultura de valor, aquela que corresponde a um julgamento de valor, ou seja, quem pertence ou não ao meio culto; a cultura-alma coletiva, que todos podem possuir; e a cultura-mercadoria, onde está absolutamente tudo – pessoas, livros, filmes, danças, "difundidos num mercado determinado de circulação monetária ou estatal" (GUATTARI; ROLNIK, 2015, p. 17). O importante aqui é compreender que muito do que é mostrado e massificado pelas mídias como cultura está inserido na "cultura de valor", ao alcance de uma determinada classe social e difundida em espaços selecionados por esta, como galerias, museus, teatros. Mas será que só essa cultura é, de fato, reconhecida? A cultura coletiva, produzida nas ruas e, especialmente, nas periferias, também não é parte do tecido social?

Ainda de acordo com os autores, a cultura seletiva não é apenas a que se revela na produção de informações, mas, a que reflete o domínio de determinados segmentos econômicos que detêm o controle do mercado global e "atribuem para si os objetos culturais como signo distintivo na relação social com os outros" (GUATTARI; ROLNIK, 2015, p. 20). Diante disso, objetiva-se aqui refletir, principalmente, sobre a cultura-alma coletiva que se revela nas práticas cotidianas, nas periferias, nos movimentos sociais populares, coletivos urbanos e nas formas de ocupação temporária dos espaços públicos da cidade. Mesmo assumindo que a cultura-mercadoria permeia todas essas expressões, questiona-se se seria possível contestar e emancipar esse devir popular a partir dessas práticas? Como subverter a ordem do capital, que coloniza todas as nossas subjetividades e que também traduz atos de resistência?

Para María Inés García Canal (2004) a resistência surge em todos

os corpos como parte dos sujeitos que se opõem às forças contrárias e semelhantes àquelas que exercem sobre ele. É também onde surgem os afetos, os desejos, o prazer, que definem os grupos e indivíduos semelhantes, articulados em torno de uma mesma luta sendo, portanto, parte do poder em forma de reação que imprime no espaço movimento e criatividade. Para a autora não há uma só resistência, "mas resistências múltiplas e variadas que aparecem como um ato no presente resultado de um mal-estar que registram em seus corpos, em suas ações e pensamentos pessoas ou grupos" (CANAL, 2004, p. 31).

Essa relação, entre poder e resistência, é denominada por Michel Foucault (1988) como um conjunto de forças que se opõem e que estão intimamente ligadas. Para o autor, onde há poder há resistência, estando esta última sempre em posição de exterioridade em relação ao outro, onde "todas as redes de poder possuem ações de resistência que a elas se opõem, funcionando como uma oposição a essa dominação" (FOUCAULT, 1988, p. 90). Portanto, essas relações são admitidas em todas as esferas do social, de onde surgem resistências que passam a integrar os mesmos processos de formação dos próprios poderes e se distribuem "de forma irregular pelo espaço em pontos, nós ou focos que provocam o levante de grupos e indivíduos de maneira definitiva ou não" (FOUCAULT, 1988, p. 91).

O entendimento da noção de resistência enquanto ação que se opõe ao poder nos ajuda a compreender as intervenções temporárias enquanto ações contestatórias e emancipatórias. De acordo com Jonathan Gotthelf (2014) essas diversas formas de resistência se opõem aos processos de homogeneização e controle estabelecidos pelo capital e se configuram em espaços que não são incorporados pela cidade planificada. Elas "são expressões de uma lógica de exclusão socioespacial, inerente a cidade do capital, e podem se apresentar em diferentes contextos" (GOTTHELF, 2014. p. 3).

Essas práticas de resistência se constituem enquanto formas de oposição ao domínio do capital sobre o território, impresso no planejamento neoliberal e na formalidade urbanística imposta nas cidades, e podem se materializar nas intervenções temporárias movidas pela arte, pelo grafite, na ocupação de espaços abandonados, nos assentamentos de origem informal, nas manifestações políticas, entre outras ações. Assim, no

contexto de empobrecimento da experiência urbana pelos seus habitantes, onde o espaço da participação civil, cultural e de vivências tem sido cada vez mais restrito ao capital, evidencia-se a possibilidade de expressão de novas vozes na cidade: coletivas, engajadas politicamente e dotadas de corporeidade.

Intervenções temporárias na cidade de Natal

Para Rogério Proença Leite (2002) as intervenções temporárias podem ou não resultar na construção de um espaço público democrático, a depender das práticas sociais que implicam nas diversas ações traduzidas na apropriação destes espaços. Para o autor, quando as ações atribuem sentidos de lugar e pertencimento a certos espaços urbanos, eles passam a se constituir como espaços públicos, dotados do uso a partir da ação coletiva (LEITE, 2002, p. 116). Nesse sentido, este espaço passa a ultrapassar as relações da rua e se mostra verdadeiramente como "público" a partir da ação social e dos seus significados.

Admite-se, portanto, que as intervenções temporárias são capazes de criar novos lugares na cidade, destituir poderes e criar um contra-poder. Em acordo com esse entendimento, Michel de Certeau (1994) diferencia essas ações entre táticas e estratégicas, especificando que: são estratégicas as práticas que articulam espaço e poder, criando demarcações físicas por meio das quais o poder se consolida; e são táticas as que resultam de-percursos temporais destituídos de poder e de um lugar que lhes seja próprio, ocorrendo assim no interior dos espaços estratégicos, subvertendo sentidos por não serem coerentes com esses espaços (CERTEAU, 1994, p. 47).

Para Leite (2002), essas intervenções táticas, quando associadas à dimensão espacial do lugar, de maneira vernacular, constituem-se em contra-usos capazes não apenas de subverter os usos esperados de um espaço regulado, mas também de possibilitar que o espaço resultante das "estratégias" seja ponto de partida para a criação de diferentes lugares a partir da demarcação socioespacial da diferença e das ressignificações que ali realizam (LEITE, 2002, p.122). Com isso, de maneira breve, são apresentadas algumas intervenções temporárias cartografadas[3] pelas

3 Este texto parte de um recorte estabelecido na dissertação de mestrado intitulada "Estratégias de reapropriação

autoras na cidade de Natal-RN[4], que fazem uso do espaço público e da arte como forma de construir diferentes lugares e perspectivas diversas de se apropriar da cidade.

Entre quinze intervenções e coletivos urbanos cartografadas na cidade de Natal-RN, destacam-se aqui a atuação de quatro coletivos: o INarte Urbana e o Viramundo Potiguar, que atuam na comunidade do Passo da Pátria, na Região Leste; o Movimento Cultural Nossos Valores, que tem sua sede e atividades desenvolvidas na comunidade da África, no bairro da Redinha, na Região Norte; e o Movimento Síntese Urbana, no bairro de Cidade da Esperança, na Zona Oeste da cidade. De maneira geral, as ações dos quatro grupos e coletivos envolvem diferentes atividades: dança de rua, música, batalhas de rima, esporte, ensino para crianças das comunidades, grafites, fotografia e teatro.

O INarte Urbana[5] (figura 01) é um projeto artístico movido pelo grafite e institucionalizado por meio de editais de fomento à cultura, que promove, uma vez por ano, uma residência artística com grafiteiros de todo o mundo para externalizarem as suas artes nos muros da comunidade. Também, o coletivo Viramundo Potiguar[6] surge como um movimento mais educativo e popular, criado por jovens do próprio território, que hoje realizam diversas ações relacionadas à música, arte e educação para crianças e jovens. Nas ações desses coletivos a cultura do hip hop se manifesta a partir das batalhas de rap promovidas por Dj's e Mc's, dos grafites e do *street dance*, que juntos promovem a integração da comunidade com os seus espaços públicos e fortalecem os laços de coletividade ali presentes, contribuindo para uma educação e inserção de crianças e jovens na arte e na cultura como saída de um contexto muitas vezes marcado por vulnerabilidade e ilegalidades.

cotidiana na cidade de Natal/RN por intervenções temporárias" da arquiteta Manuela Carvalho, sob orientação da professora Ruth Ataíde, no PPGAU-UFRN. A presente pesquisa teve como objetivo compreender as intervenções temporárias nos espaços livres públicos em Natal e a sua relação com a democratização do acesso à cidade a partir da criação de novos lugares. Para isso, foram mapeadas e cartografadas quinze intervenções localizadas nas quatro Regiões da cidade.

4 O município de Natal está localizado na zona costeira da Região Nordeste do Brasil e envolve uma área de aproximadamente de 168,53km², tendo como limites os municípios de Extremoz, ao norte; Parnamirim, ao sul; São Gonçalo do Amarante a leste e Macaíba a oeste, estando o seu território estruturado em quatro Regiões Administrativas e 36 bairros.

5 Mais informações sobre o Projeto INarte urbana disponível em: <https://zupi.pixelshow.co/inarteurbana-um-projeto-socio-cultural-e-interdisciplinar-de-valorizacao-da-arte-urbana/>. Acesso em: 14 de junho de 2021.

6 Mais informações sobre o coletivo Viramundo Potiguar na sua página do facebook: https://www.facebook.com/coletivoviramundopotiguar/. Acesso em 14 de junho de 2021.

Figura 1: Grafiteiros de oito estados irão pintar 40 painéis no Passo da Pátria.

Fonte: Site do Papo Cultura na internet[7]

De modo semelhante, o Movimento Cultural Nossos Valores[8], coordenado pelo rapper, grafiteiro e educador Miguel Carcará, e o Movimento Síntese Urbana[9] (figura 02), coordenado por jovens moradores da Região Oeste de Natal, realizam atividades permanentes nas suas comunidades também ligadas ao hip hop, que são em geral as batalhas de rap e o *street dance*. Ambos os coletivos têm como preceitos o envolvimento de crianças e jovens com arte e educação: são atividades musicais, ensino de instrumentos, aulas de dança e de rap, e diversas outras ações que se inserem como um apoio na formação cidadã. Nas comunidades onde atuam realizam ações pontuais e têm cronogramas fixos de eventos em datas comemorativas, como, por exemplo, Dia das Crianças e Natal, quando promovem encontros dos seus membros, com jovens e crianças, comerciantes e moradores.

7 Disponível em: <https://papocultura.com.br/grafiteiros-passo-da-patria/>. Acesso em: 22 jun. 2021.
8 Mais informações sobre o Movimento Nossos Valores na sua página do facebook: https://www.facebook.com/MovNossosValores/. Acesso em 14 de junho de 2021.
9 Mais informações sobre o coletivo Síntese Urbana na sua página do facebook: https://www.facebook.com/MSinteseUrbana/. Acesso em 14 de junho de 2021.

Figura 2: Batalha de rap na Cidade da Esperança, em Natal-RN.

Fonte: Página do MSU - Movimento Síntese Urbana no Facebook[10]

A partir de Guattari e Rolnik (2005), é necessário pensarmos "um modo de produção cultural que quebre radicalmente os esquemas atuais de poder", e sobre isso, acredita-se que os novos movimentos sociais, a cultura do hip hop nas comunidades, a expressão do grafite nas cidades, podem ser práticas contestatórias. Os quatro coletivos cartografados na cidade de Natal-RN são identificados aqui como experiências bem sucedidas para uma cidade do seu porte, a partir dos seus cotidianos e de ações efêmeras, capazes de promover intervenções essencialmente colaborativas e integrar diversos significados: a valorização do hip hop e da cultura da rua – popular; a educação e formação como ferramenta de transformação social; e a desmistificação de preconceitos em torno do que "é ou não cultura".

Breves considerações

Sabe-se que essas manifestações, isoladas e dissociadas de ações concretas que promovam a justiça social, estarão sempre à margem da

10 Disponível em: <https://www.facebook.com/MSinteseUrbana/photos/?ref=page_internal>. Acesso em: 22 jun. 2021.

impossibilidade de um efeito permanente no contexto das nossas cidades. Apesar disso, acredita-se que, mesmo de maneira temporária, elas são capazes de nos fazer questionar que tipo de arte e cultura queremos ver descolonizada, a partir dos saberes populares e dotada de uma potência coletiva. Para isso, torna-se importante destacar, também, a necessidade de ações e políticas públicas promovidas pelo Estado, integradas a contextos, sem cooptá-las completamente, dando a essas vozes possibilidades democráticas de uma atuação conjunta a partir da participação popular por meio de instrumentos de planejamento e gestão urbana.

Também é importante realçar a apropriação dos espaços livres públicos da cidade por meio dessas intervenções, as quais, em sua maioria, ocorrem em espaços públicos não estruturados urbanisticamente de conjuntos habitacionais localizados em bairros populares da cidade, como é o caso do Movimento Cultural Nossos Valores, na comunidade da África e do Movimento Síntese Urbana no Conjunto Cidade da Esperança. E, mesmo aquelas materializadas temporariamente em outros marcos físicos, como o grafite promovido pelo INarte Urbana no Passo da Pátria, podem ser importantes ferramentas políticas de protestos, para despertar outra lógica de pensar e agir sobre o espaço de forma mais inclusiva.

Por fim, é fundamental destacar que todas as ações têm em comum a cultura do hip hop na valorização da arte popular e de uma cultura-alma coletiva (GUATTARI; ROLNIK, 2005), que produz mecanismos capazes de criar novas subjetividades, afetos e desejos que rompem – mesmo que temporariamente – o poder hegemônico. Busca-se com essa discussão pensar a arte e a cultura a partir das manifestações comuns: do efêmero, do microescalar, das intervenções realizadas no entorno da casa, na proximidade da rua e dos encontros; e como elas podem ser revolucionárias para pensar um outro contexto de experiência urbana.

REFERÊNCIAS

CANAL, María Inés García. La resistencia entre la memoria y el olvido. In: **Resistência.** Tercer Simposio Internacional de Teoría sobre Arte Contemporáneo PAC. v. 1. 1 ed. México: 2004. 288 p. Disponível em: <https://issuu.com/patronatodeartecontemporaneo/docs/3_resistencia_-versi__n_digital>. Acesso em: 10 maio 2019.

CARVALHO, Manuela Cristina Rêgo de; ATAÍDE, Ruth Maria da Costa. **Estratégias de reapropriação cotidiana na cidade de Natal/RN por intervenções temporárias**. 2020. 334f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. Rio de janeiro: Editora GRALL, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOTTHELF, Jonathan Uri Colodro. Los espacios de resistência urbanos y su multiplicidade em Europa y América Latina. In: **CONANA** 2014: Congresso nacional del médio ambiente. Disponível em: <http://www.conama2014.conama.org/>. Acesso em: 15 maio. 2019.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público. Notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49. São Paulo: Junho, 2002. p. 115-134.